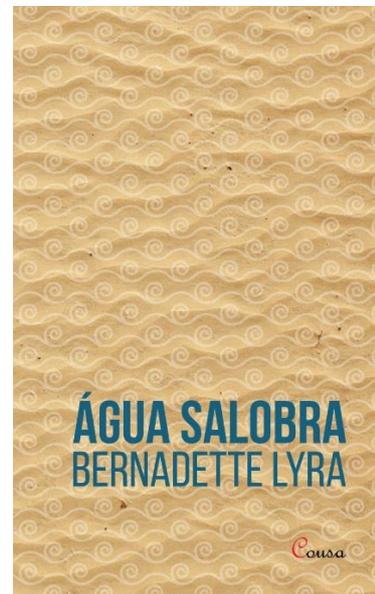


LYRA, Bernadette. *Água salobra*.
Vitória: Causa, 2017.

José Irmo Gonring*



Bernadette Lyra viu a luz deste mundo de Deus em primeiro em Conceição da Barra, cidade-balneário do Norte do Espírito Santo, essa parte do Estado que antes de, no segundo governo de Getúlio Vargas, ter sido construída a ponte sobre o Rio Doce, em Linhares, vivia um isolamento florestal que, assim como a vizinha São Mateus, a aparentava mais com a Bahia. Não é por nada que Bernadette é filha de um pernambucano.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Se levarmos em conta só as informações contidas no livro *Água salobra*, não saberemos o dia e o ano em que Bernadette viu essa luz. Mas estão na orelha da obra as datas de tantos nascimentos outros, os de seus livros: *As contas no canto* (contos, 1981), *O Jardim das Delícias* (contos, 1983), *Corações de cristal ou a vida secreta das enceradeiras* (contos, 1984), *Aqui começa a dança* (novela, 1985), *A panelinha de breu* (romance, 1992), *A nave extraviada* (ensaio, 1995), *Tormentos ocasionais* (romance, 1998), *Cinema de bordas* (ensaios, 2006), *O Parque das Felicidade*s (contos, 2009), *A capitoa* (romance, 2014).

Sabemos mais: que ela foi finalista do Prêmio Jabuti com o livro *Memória das ruínas de Creta* (contos, 2010), foi professora de pós-graduação na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, e é professora emérita da Ufes, onde deu aula por muitos anos, no curso de Letras (Esta informação final não está no livro, mas é de domínio público, inclusive tem um prédio com seu nome, nessa instituição, onde funcionaram até recentemente o mestrado e o doutorado em Letras).

Ainda da orelha do *Água salobra*, o leitor fica sabendo que a autora é membro da Academia Espírito-Santense de Letras. E tem crônicas e contos publicados em jornais, antologias e revistas literárias no país e no exterior. Falta a menção ao lançamento do romance *Ulpiana*, pois, tendo sido neste ano de 2019, é posterior a *Água salobra*.

Bernadette bateu pernas e correu o mundo, ficamos sabendo em suas crônicas, mas seu coração bate forte mesmo é por sua terra natal. *Água salobra* está pleno dessas declarações de amor. E abre com um poema em quatro páginas que é pura louvação: "Canção do amor à minha terra".

A seguir, no sumário, vemos que o livro tem um prólogo e é dividido em três compartimentos: 1. Nas águas da memória, 2. Coisa deleitosas da barra, 3. Reflexos de outros verões.

Não há datas relativas à produção e/ou publicação das crônicas e não sabemos, a se levar em conta o livro, se saíram em algum veículo impresso ou outro, antes

da recolha em um volume. É de se presumir que a maioria, pelo menos, tenha chegado aos leitores em impressos de Vitória, notadamente o jornal *A Gazeta*, onde a autora foi colunista de crônica por longos anos. Mas podemos imaginar, até, que alguns textos tenham sido escritos exclusivamente para este livro, ou foram “desengavetados”, para compor este canto de amor a Conceição da Barra.

De qualquer modo, ao não mencionar os textos que saíram em algum veículo, e quando, é de se supor que a autora tenha optado pelo apagamento de qualquer vestígio da gênese de sua obra. Que tenha abolido a orientação cronológica relativa à publicação dos textos justamente porque optou por arrumá-los numa nova ordem, num corpo coeso onde os diversos fragmentos se costurassem num propósito de outra arquitetura. A intenção deve ser a de conferir um significado novo aos fragmentos já conhecidos do público. Assim, um texto toma novo pulso, animado pelo antecedente e o conseqüente, como as cores dos quadros de uma parede ou mostra interação, quando alinhados lado a lado. O mesmo vale para a montagem de fotogramas. Um dos resultados desse trabalho de edição é uma unidade cronológica, no primeiro e no segundo blocos, mas o terceiro embaralha os tempos. Com um resultado simbólico. Não é um livro que pode ser lido de trás para a frente, como gosto de fazer, com contos e crônicas.

Ainda como resultado podemos ver que o primeiro bloco gira em torno da personagem em si, a autora mesmo se apresentando, no cenário do ambiente familiar, com a menção a poucos coadjuvantes. Já no segundo, a autora apresenta os textos que mostram sua interação com a cidade, com suas festas, seu folclore, sua culinária.

Consultamos o prólogo, da autora, e também não tivemos notícia do nascedouro desses textos. Nessa antessala explicativa, em que se tem por norma lançar luzes sobre a obra, a autora cita fatos denotativos da barbárie que afeta a paisagem a ponto de ocasionar desastres ecológicos que afetam a vida humana. Como antídoto aos desconcertos, “a gente continua a viver, a sobreviver e escrever, porque sabe que, em algum lugar de afetos e de resistência, ainda

existe refúgio para obliterar esse mundo sem coração” (LYRA, 2017, p. 15). “É este lugar de resistência e afetos” que ela quer dividir com os leitores.

Perfeito, para quem transcreveu numa crônica de jornal, um dia, o terrível verso de Rimbaud “pela minha delicadeza eu perdi minha alma”. Aqui, Bernadette sugere a salvação pela delicadeza, e é impensável ler suas crônicas enfileiradas neste volume sem lembrar de sua vivência em Paris, no tempo dedicado à doce *flânerie*, como dito numa palestra, há alguns anos. Sem lembrar também de um clássico de Apollinaire sobre a relação do ser com o tempo, que começa assim: “Sous le pont Mirabeau coule la Seine”, poema que ela na certa conhece pelo avesso. Pois “Le pont Mirabeau” insiste neste sentido da água que desliza infensa aos desacertos todos que a vida nos impõe. (“L’amour s’en va comme cette eau courante [...]”).

Essa vitória do ser, sobranceiro na sua lucidez, da qual é exemplo o ato de Bernadette de reunir essas crônicas de reminiscência / resistência em livro.

Há um determinado momento no livro, bem lá na frente, em que a autora se ressentida de estar sendo autobiográfica. Bom, quer se trate de uma coletânea de crônicas publicadas todas presumivelmente em jornal e similares, quer sejam textos criados com o propósito que está todo o tempo latente nos textos, que é o de fazer memórias, seu possível pudor, ou sua encenação, seria de estar se dando em espetáculo num tal espaço, onde é de se supor que o leitor estivesse à cata de algo maior que lampejos confessionais.

Mas agora a onda é outra. Trata-se de um livro editado com um propósito, o de reunir as lembranças da autora do tempo de sua infância na terra natal, em torno do rio que ali deságua no mar, na porta de sua casa, o Cricaré, no Pontal do Sul, e um outro rio menor, o Itaúnas, que deságua na Guaxindiba, não muito longe dali, ao Norte, cercando a cidade cenário da autora num estreito limite, até porque a Leste se estende o Atlântico e a Oeste, as lonjuras do sertão. Portanto, aqui a cronista está sendo deliberadamente autobiográfica, num corpo sólido de reminiscências que beiram a estrutura de uma obra mais pretensiosa. Como se

romance fosse. E é nesse cenário diminuto que veremos avultar a imaginação da autora em criança, vencendo as estreituras geográficas das águas com mergulhos assíduos nos livros que o avô coloca a seu alcance.

Um ponto a se considerar: a questão de ser autobiográfico em um texto escrito para sair em jornal, a tal da crônica, se fora esse o caso. Ao repassar os momentos marcantes da fundação da crônica brasileira, a partir da experiência da imprensa francesa dos anos 20 do século XVIII para a frente, vamos ver sim que os elementos autobiográficos não comparecem nos textos.

Eram comentários sobre espetáculos (Martins Pena, por exemplo) - uma tendência que vai ser muito presente posteriormente nos textos de José de Alencar - e os assuntos de política, nos quais se esmeraria Machado de Assis, como podemos ver em "A Semana" (I e II). Não é possível encontrar alguma referência séria ao próprio autor, a não ser encenações do tipo "do jeito que estou hoje não sei se chego ao final desta crônica".

Enfim, a crônica estava colada nos fatos, fossem eles sérios ou até mais amenos, mas o tratamento era jornalístico, com uma pena amaciada, com um tratamento da linguagem de uma forma lúdica. Eram escritores, enfim, antes que jornalistas.

Assim, não constam desses momentos fundacionais de nossa crônica a categoria reminiscência, onde não há como não ser autobiográfico. Essa categoria vai ser uma invenção do outro século, quando a crônica vai se libertar do fato jornalístico para ser qualquer coisa, contanto que trouxesse satisfação ao leitor; que fizesse um contraponto ao conteúdo das páginas abarrotadas de notícias que agora não chegariam com mais de um mês de atraso, pelo pacote de José de Alencar, mas fresquinhas, pelos telégrafos das agências.

Acho que podemos ancorar essa tendência de uma crônica intimista, onde a reminiscência toma vulto, em nomes como Manoel Bandeira, nos anos 30 do século passado, quando surgiria Rugeira Braga, por ele influenciado. É de se considerar que poetas e romancistas do modernismo, que se esquivavam do

lirismo, de nossa herança romântica, e isso também no realismo machadiano, tinham na crônica uma válvula de escape para dar vazão a esse componente da raça humana que não há como recalcar.

Assim é que a crônica, para Mário de Andrade, passa a ser um expediente para “desfatar-se”.

Para fechar essa janela, não seria impensado dizer que o sucesso de Rubem Braga, e toda a trupe carioca da crônica bossa nova, se deve à insistência no lirismo, uma maneira de desfatar um leitor cada vez mais subjugado por uma catadupa (epa!) de informações e pela vida vertiginosa do cada vez mais exacerbado urbanismo.

De resto, resta dizer que o espetáculo de si contemporâneo, sucedâneo do reinado dessa crônica romântica carioca, acabaria de vez com o pudor de ser autobiográfico. Portanto, Bernadette Lyra está liberada, ela sabe disso, mas está como a pedir desculpas ao leitor. É puro charme. Faz parte do jogo. Ademais, quem tem o que contar, seja ou não de si, e sabe como fazê-lo, dois casos em que a autora se enquadra, não pode é se fazer de rogado.

Vamos ao livro. De pronto, posso dizer que recomendo sua leitura, para todos os que desejam desfatar-se. E são tantos e muitos os motivos, não é mesmo? Comece essa largada pela capa, que é agradável, diferente desses invólucros de baixo custo que no geral não geram um bom resultado estético. Pois bem, essa capa é delicada, nas cores, e num desenho tipo arabesco que se propaga em repetição, como ondas mansas e sedativas, a indicar o curso dos conteúdos lá dentro.

Também a quantidade de páginas do livro já é um convite à amenidade. E, por incrível que pareça, o livro fica em pé. Acabo de fazer o teste agora, aqui na mesa. Para quem não sabe, uma das características para se classificar a grosso modo se se tem pela frente um volume de resposta é ver se ele se sustenta

sozinho na vertical. Quem é do ramo sabe. Claro que um conteúdo frágil pode derrubar essa tese, mas, pra começo de conversa, é assim.

Partindo para o miolo, depois da dedicatória, temos um poema! Em quatro páginas, “Canção do amor à minha terra” delata a Bernadette poeta, poeta do final dos anos 60, e início dos 70, participante ativa dos antológicos recitais do Clube da Poesia, uma entidade sem estatuto, sede e essas coisas, que só existia na cabeça do poeta e entusiasta Olival Matos Peçanha, sem quem essa riqueza e resistência poética daqueles anos não teria sido possível.

É preciso dizer, para os mais novos, que Bernadette Lyra (ainda sem os dois tês) estreou em livro como poeta, e numa antologia. “Poetas do Espírito Santo” foi fruto de uma chamada pública da Fundação Cultural e resultou numa seleção que foi primeiro “encenada” no Teatro Carlos Gomes, sob a batuta do diretor de teatro Gilson Sarmento. Mais dois eventos tornavam esse projeto rico: o lançamento do livro, que ocorreria nos primeiros meses de 1973, e um concurso para fotógrafos, cujos trabalhos saíam ilustrando alguns poemas, como de fato ocorreu.

Então, foi sem surpresa que vi um poema abrindo o livro *Água salobra*, pois a poesia, que está presente na prosa de Bernadette Lyra, notadamente nas crônicas, está aqui *tout court*, em carne e osso, forma e conteúdo, como se fosse uma longa epígrafe que ninguém saberia escrever melhor do que ela mesmo, para dar conta dos textos que desaguam no (dis)curso de suas crônicas enfileiradas em três ancoradouros, conforme apelos temáticos que ela definiu para fazer a amarração da obra.

“Minha avó bordando rendas,/ meu avô contando lendas,/ eu sentada no balcão”. Versos assim, de saída, remetem aos textos do primeiro ancoradouro, “Nas águas da memória”. É ali que ficamos sabendo da fundação da autora, se assim podemos dizer, não só pelo acesso precoce aos livros da estante do avô, que num determinado dia leu para ela um poema de Tagore que de tão impactante

ela cita, mas também pela narração do momento em que a escritora passa da atitude passiva de leitora para a de criadora.

Também é ali que vamos encontrar sua primeira experiência de imersão na consciência do mundo, narrada com tanta riqueza de detalhes décadas assim depois que com certeza fornece um bom material para quem cuida de pesquisar as transcendências, as qualidades da alma ou do espírito que, manifestando-se ainda nas crianças, demonstram que há uma marca individual no ser humano que independe de idade, raça, cultura e cor, mas é uma manifestação da alma maior do mundo em determinadas singularidades.

Achou confuso? Então demos voz à autora, em outro momento, abrindo o texto do título “Essa coisa tão estranha”. “Eu tinha sete anos, quando descobro essa coisa tão estranha que se chama escrever ficção. Já sabia ler desde os cinco. Os livros, eu os via por toda parte. Inclusive na pequena estante da sala da casa, que minha mãe fazia questão de manter com as janelas fechadas para que a maresia, vinda com o vento sul, não entrasse” (p. 31).

Foi nesse clima de beira-rio-que está-prestes-a-desaguar-no-mar que Bernadette, como um Huckleberry Finn de saias, viveu suas aventuras. Mas principalmente pela via dos livros. “O bom mesmo veio depois, quando meu avô, com pena de meus olhos compridos, abriu as portas de vidro das estantes nos fundos da venda e me deixou mexer nos tesouros que ele guardava” (p. 31).

Seu pai era pernambucano, relata depois, após falar da morte do avô e da mudança de casa, pois “ele tinha essas vontades de verdes e lonjuras” (p. 32). Foi no novo lar a experiência marcante da primeira “obra”, como segue: “O perfume do pé de jasmims se tornava mais doce, o marulho do mar vinha de um pouco além do areal, e o que eu mais desejava era juntar as histórias que lia com aquela plenitude perfeita” (p. 32). E um dia sentou à mesa da “varandona dos fundos” e inventou uma trama com seis garotas que “vagavam na praia, esperando uma sétima, que nunca aparecia” (p. 33). Essa “obra primeira” se

perdeu. “Mas o fato é que, depois dela, eu desandei a inventar histórias e a literatura nunca mais deixou de ser o sal que dá gosto a minha vida”.

É nesse tom, num tecido de delicadezas, que podemos navegar nas águas amenas do livro de crônicas das reminiscências de Bernadette Lyra, agora no segundo “ancoradouro” de textos, apelidado de “Coisas deleitosas da barra”. Comporta uma feira de conteúdos semelhantes. Mas agora há “personagens” mais precisos, com “O rio”, “Os navios”, “O vestido branco”, “Os abricós”, “Os jasmims”, “O muxá”, “As pastoras de reis”, “O ticumbi”, “As damas”, “As balas e cocadas de Ana Naninha”, “O sobrado”. São 11 textos que aprofundam as memórias da autora, e paralelamente pintam o cenário onde ela, a personagem principal, se movimentava. Dessa forma, a história de Bernadette registra, num determinado recorte do tempo, a alma toda de uma cidade. São preciosos apontamentos para a microhistória, a saga de uma região.

Chegamos ao terceiro ancoradouro com muita vontade de atracar. “Reflexos de outros verões” faz parte de um novelo de fatos que a autora reúne para fechar uma história com final de alerta. Vejamos os títulos: “Estranhices”, “As fotos que meu amigo me envia”, “O avanço das águas salgadas”, “Os nascidos e os não nascidos”, “Quase elegia”, “A água da cacimba do Borges”, “Onde mora o coração”. Tudo vai mais rápido, como se o rio, enfim, mesmo sendo “O preguiçoso”, que é o significado de Cricaré em língua de índio, se beneficiasse com o vazio de uma maré vazante. Nesse terceiro bloco, doces recordações se contrapõem a perdas e danos. Mas o tempero é o da esperança.

Citemos a página 84, quando dá a notícia da morte da pianista que marcou sua infância a ponto de sua técnica ser uma influência presente na modulação de seu texto vida afora: “E, todos os dias, eu esperava o som quase imaterial que vinha do sobrado, escorria até meus ouvidos e, como uma promessa de beleza e mistério, abria as persianas de minha imaginação”.

Um final para marcar as mudanças. O mar que avança pelo rio. Destrói a Bugia. A seca e a água salgada, invasora, empurrando o rio de volta. Esse tema não

entra na obra como um desfecho de sabor insosso. Há nas entrelinhas e no rememorar um clima do primeiro “ancoradouro”, sintetizada na crônica sobre a água do poço do Borges. Essa água que, para a população, era matéria de consumo, para a menina vocacionada era um espetáculo para a fruição estética. “Eu gostava de acompanhar as mulheres que iam buscar água na cacimba do Borges, só para ver a jogada do balde pela borda, a puxada da corda que subia com o balde repleto, a água cintilando em círculos claros debaixo do sol” (p. 87). E é essa a vocação de lembrar e narrar: um compromisso com a vida, de que a arte é um sólido atestado, pelo menos no caso de Bernadette Lyra.

A água do poço é a cacimba sem comunicação com o mundo exterior, protegida dos contágios de todas as poluições e mudanças deletérias. Está lá, só na memória, como esse som imaterial do piano que verte do sobrado, essa matéria espiritual de que a arte dá conta, como um fenômeno a que o filósofo Bergson nomeia como *durée*. E que só existe, só ressuscita em cada leitor, porque está inscrito em cada um esse sentimento de necessidade de um “suplemento de alma”, para a cura de nossas humanas travessuras. Não cremos ter sido por acaso que a autora tenha reservado para os últimos momentos de sua obra o texto “A água da cacimba dos Borges”, algumas páginas depois de “O avanço das águas salgadas”. O caráter simbólico dessa edição em contraste não pode passar despercebido.

Sob a ponte Mirabeau corre o Sena. O Cricaré se esparrama preguiçoso. Na outra ponta, a água do mar ora vai, ora vem, salgando por demais dos limites o sertão adentro, em tempo de desmedida seca. Então Pascal se curva ao espetáculo das estrelas. Elas lá, tão longe e impossíveis, e o contemplador estaca impotente por um instante, a se sentir esmagado sob os astros. Mas logo se refazendo do susto, ao saber que é superior, porque, diferente deles, tem a consciência de saber como essa distância dói.

O Rio passa sob a ponte. O autor fica. “Vienne la nuit sonne l’heure /Les jours s’en vont je demeure”, reverbera sempre em refrão o grito de vitória de Apollinaire contra as roeduras do tempo.

Portanto, não faz mal não sabermos a data em que Bernadette Lyra viu em primeiro a luz deste mundo de Deus. Almas não têm sexo, não têm idade, têm é, simultaneamente, a sede e a potência do infinito.

Recebida em: 31 de julho de 2019.
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.